

Caracterização do movimento nazista em Ponta Grossa (PR) no período de 1932 a 1940

Thiago Alberto Coloda¹

Edu Silvestre de Albuquerque²

Resumo

Este trabalho interpreta as pesquisas realizadas no jornal *Diário dos Campos*, no período de 1932 a 1940, sobre a materialização das ideias nazistas no município paranaense de Ponta Grossa, observando os processos contraditórios da dialética entre as escalas local, nacional e global e sob a perspectiva geohistórica.

Palavras-chave: GeoHistória; Nazismo Tropical; Russos-Alemães.

Resumen

Este trabalho interpreta as pesquisas realizadas no jornal *Diário dos Campos*, no período de 1932 a 1940, sobre a materialização das ideias nazistas no município paranaense de Ponta Grossa, observando os processos contraditórios da dialética entre as escalas local, nacional e global e sob a perspectiva geohistórica.

Palabras clave: GeoHistória; Nazismo Tropical; Russos-Alemães.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de materialização das ideias nazistas no município de Ponta Grossa – PR, observando a dinâmica local própria no sentido de internalização do movimento nazista e da tendência de criminalização do mesmo. O trabalho está dividido em cinco partes, iniciando por uma breve caracterização da imigração germânica para Ponta Grossa e de sua importância para esta cidade. A segunda parte descreve as instituições municipais que estavam ligadas direta ou indiretamente aos alemães residentes no município. Em seguida, reconstitui-se o contexto histórico brasileiro na década de 1930, quando na ditadura civil de Getúlio Vargas ocorre uma repressão política e social intensa, afetando particularmente os descendentes alemães. Na quarta parte, se descreve o processo nazista em Ponta Grossa propriamente dito, segundo as matérias veiculadas pelo jornal impresso *Diário dos Campos*, no período de 1932 a 1940. Esta periodização decorreu das leituras preliminares do referido periódico, que concentram as notícias

¹ Bacharel em Geografia pela UEPG.

² Doutor em Geografia e Docente do Curso de Geografia e de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN.

sobre o nazismo no país e na cidade no período considerado. Por fim, a quinta parte é composta por considerações acerca da reverberação do movimento nazista numa localidade tipicamente brasileira, observando-se as justaposições e contradições envolvendo as escalas local, nacional e mundial.

Colonização Germânica em Ponta Grossa

Para melhor compreender o fenômeno do nazismo em Ponta Grossa se faz necessário entender a introdução do elemento germânico no município e sua contribuição ao desenvolvimento local. Afinal, a ideologia nazista nasce precisamente associada ao expansionismo alemão, onde busca-se reconstituir o “*Reich*” histórico envolvendo toda a população germânica europeia e, ao menos inicialmente, é recebida com certo entusiasmo por frações expressivas dos emigrados alemães.

A origem da imigração alemã para o território brasileiro, segundo Lange (2008, p. 120), teve por objetivo “*povoar e colonizar as terras do Brasil*”, quando “*o rei D. João VI procurou estimular a imigração de colonos europeus, publicando em 1820, lei que concedia terras a imigrantes católicos*”. Com relação ao Paraná, isso acontece três décadas depois, quando o então presidente do Paraná, Francisco Liberato de Mattos, em seu relatório a Assembleia Legislativa da Província, mostra total concordância com a linha de raciocínio do rei D. João VI:

Este estado de cousas porem tenho que continuará, e que só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, apparecerá a abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao commercio de exportação dos productos agricolas (MATTOS, 1858, p.35)³.

Essas duas posições políticas de estadistas da época, enaltecendo a importância da imigração europeia a ocupação do território e ao desenvolvimento econômico nacional, destarte se traduzem num forte movimento de contingentes populacionais germânicos adentrando as fronteiras brasileiras.

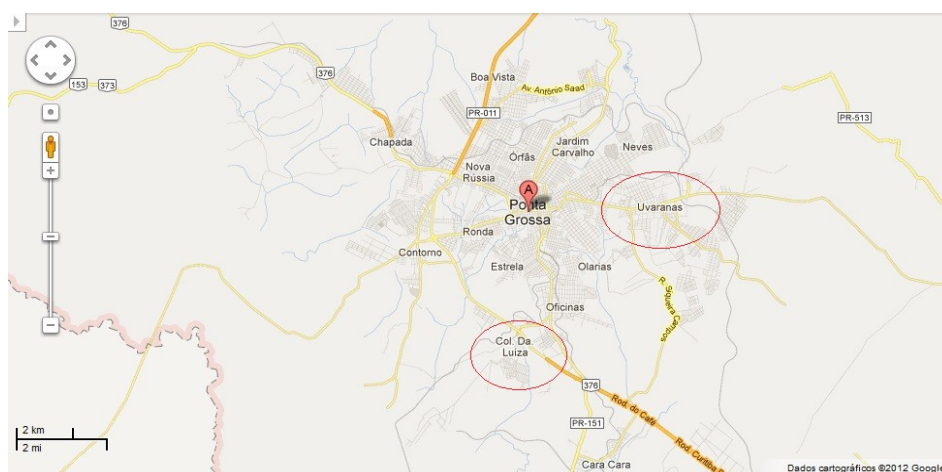
No Paraná, os primeiros alemães que vieram para o estado fixaram-se em Rio Negro, em 6 de fevereiro de 1829. Era um grupo composto por 20 famílias, que correspondiam a 105 pessoas em sua totalidade. Na capital Curitiba, o primeiro alemão que se torna residente se chamava Michel Mueller, em 1833, onde assentou sua ferraria e casou-se. Também em movimento individual, os primeiros alemães que passaram a

³ Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/620/000039.html>>. Acesso em: 07 mar 2011.

morar em Ponta Grossa tinham os seguintes sobrenomes: Buehrer, Hansen, Jensen, Klueppel, Lange, Baer, Roedel, Kossatz, Krawutshke, Meister, Osternack, Hatschbach, etc (LANGE, 2008).

Mas o primeiro movimento significativo de imigrantes germânicos em Ponta Grossa ocorre em 1877, quando foram recebidos 2381 russos-alemães, do total de 3809 que adentraram ao estado. Esses configuraram a colônia Octávio, que correspondia a 17 núcleos ao redor do centro urbano, realizando assim o objetivo do então presidente provincial Francisco Mattos (GONÇALVES e PINTO, 1983). Alguns desses núcleos, hoje correspondem a tradicionais bairros da cidade princesina, como por exemplo: a Colônia Dona Luiza, localizada próximo a Oficinas, um dos três espigões centrais do município; o bairro de Uvaranas que se refere a outro dos três espigões centrais da cidade; dentre outros bairros. Na Figura 1 é possível verificar a espacialização de algumas dessas colônias no município de Ponta Grossa e sua distância em relação à área central.

FIGURA 1 – Bairros de Uvaranas e Colônia Dona Luiza em Ponta Grossa – PR



Fonte: Google, 2012.
Organizador: COLODA, T. A.

Apesar desses núcleos coloniais pioneiros estarem espacialmente bem distribuídos no município, em seu princípio não se mostravam coesas umas as outras. Para isso, foi necessária a vinda do Pastor Schulze, de Curitiba, para organizar uma Comunidade Luterana. Foram então construídas uma Igreja e uma Casa Escolar, ambas com o propósito de fomentar a identidade de comunidade entre os alemães residentes na região. Um dos professores da escola era o Pastor Fugmann (LANGE, 2008), indivíduo que se

mostraria figura de destaque no movimento nazista pontagrossense conforme relatado em matérias do jornal *Diário dos Campos*⁴.

Organização alemã e sua ligação às instituições no município

O envolvimento de teuto-brasileiros e alemães imigrantes nas instituições locais de Ponta Grossa identifica um importante aspecto deste município, envolvendo diversos segmentos. As instituições que detinham esse caráter eram diversas, dentre elas clubes de recreação, escolas, meios de comunicação etc.

No início do século XX, o então Colégio Sant'Ana representa a fundação da primeira escola alemã da região, isso atendendo ao pedido de diversas famílias alemãs católicas que residiam na região. Essa escola é obrigada a fechar as portas entre 1917 e 1918, quando o Brasil declara guerra à Alemanha e obriga as escolas a cancelarem o ensino do alemão (assim como do italiano). Sobre esse entrave, Dietrich (2007, p.131) afirma que: "Um dos problemas vistos pelo governo alemão foi a exigência de se ministrar aulas em português (...) com um corpo de professores cuja maioria não conhecia o idioma local", com essa lei sendo de efetivo nacional, as escolas alemãs começam a ter imensas dificuldade em se manter. Aos poucos, as alunas se retiram da escola, e em seguida ocorre o fechamento sob a acusação de não ensinar português suficientemente. O Colégio Sant'Ana, e até mesmo a casa de algumas irmãs que administravam a instituição, foram invadidos com o pretexto de confiscar todo e qualquer material que de alguma forma indicasse sinal de patriotismo à Alemanha, para em serem queimados (ALMEIDA; RHODEN, 2005). Descobrimos que outra escola local que ensinava em alemão era o Colégio São Luiz (D. C., 24.12.1933).

Dentre os clubes recreativos, o primeiro de origem alemã fundado em Ponta Grossa foi o Clube Germânia. Em sua primeira reunião estavam presentes 26 pessoas que viriam a ser os primeiros associados. Algum tempo após sua fundação, houve uma divisão nesse grupo original e, pode-se dizer, que os germânicos mais abastados continuaram na instituição, enquanto que os menos abastados, como trabalhadores artesãos entre outros, criaram aquele que seria o atual Clube Verde, que à época era designado por Clube Beneficente Germânia (LAVALLE, 1996). Dentre os sócios iniciais pode-se destacar a pessoa Jacob Hoffmann, figura que também se evidenciará em meio ao fenômeno nazista princesino, assim como a instituição Clube Verde. O Clube

⁴Observa-se que embora a preferência brasileira fosse pelos europeus católicos, os imigrantes luteranos eram expressivos entre os alemães que imigraram para o país.

Beneficente Germânia admitia sócios independente da sua nacionalidade, porém, como forma de manter a unidade e os princípios iniciais, nenhum sócio que não falasse a língua oficial da instituição, o alemão, não poderia votar nem ser votado (LANGE, 2008).

Outra entidade local organizada com orientação germânica foi a chamada “Kriegs Kamaraden”, que refere-se a um grupo de ex-combatentes alemães da Primeira Guerra Mundial, mas ao que parece, essa entidade não tinha qualquer relação com evento nazista em Ponta Grossa, isto segundo os redatores do jornal *Diário dos Campos* (D.C., 21.04.1934).

No campo empresarial pontagrossense, a Cervejaria Adriática tinha como dono o alemão Heinrich Thielen, sócio da até então Cervejaria Grossel, que foi comprada por ele em 1906 (LANGE, 2008).

Por fim, dentre as organizações locais com forte presença germânica destaca-se o próprio jornal *Diário dos Campos*, que foi a fonte empírica principal da presente pesquisa. A importância deste veículo de comunicação é destacada por Chaves (2001, p. 1), onde já na década década de 1930 era “o principal veículo dos meios de comunicação escrita de Ponta Grossa.” O dono desse jornal, à época, tinha descendência germânica, e também destacava-se como importante nas questões nazistas da época (CHAVES, 2001).

O Estado Novo e a criminalização germânico-nazista

Implantado em 1937, o Estado Novo durante sua vigência teve como uma de suas diretrizes mais polêmicas a proibição de agremiações e do idioma estrangeiro no país, além da proibição dos partidos políticos (CARONE, 1976). Essas medidas atingem diretamente as comunidades germânicas e de seus descendentes, e também sua organização política em torno do movimento nazista. O Partido Nazista estava organizado em diversos municípios brasileiros, em especial na Região Sul do país; sendo colocado na ilegalidade pelo Estado Novo.

Diversos trabalhos como de FÁVERI (2009) e PANDOLFI (1999) apontam o período do Estado Novo como o ápice na ênfase nacionalista estadista e, após a entrada do Brasil na guerra, também o ápice da repressão aos descendentes ítalo-germânicos por todo o país de modo muito mais tenaz. Segundo Fáveri (2009, p. 92):

(...)entre agosto de 1942 e maio de 1945, a política do então presidente Getúlio Vargas aproximara-se dos Aliados norte-americanos na bem arquitetada política da “boa vizinhança”, levando

a uma acirrada “caça” aos imigrantes ítalo-germânicos e seus descendentes que residiam no país.

Pandolfi (2009, p.158) em seu estudo acerca do Estado Novo em relação a repressão aos ítalo-germânicos afirma: “Também os grupos estrangeiros deixaram registrados seus protestos realçando o caráter arbitrário como a prisão de alemães só pelo fato de serem alemães, o que os identificava automática e equivocadamente com o nazismo.”

Contudo, ressalta-se algumas nuances importantes quando se altera a escala geográfica de análise do nacional para o local. Constatamos que o processo de repressão aos nazistas locais difere em muitos aspectos em relação ao padrão verificado em termos nacionais.

As pesquisas no jornal *Diário dos Campos* apontam que o processo de marginalização do nazismo em Ponta Grossa ocorre mesmo antes da consolidação do Estado Novo. A mídia local de maior importância na época, o *Diário dos Campos*, criminaliza a ideologia política nazista, atacando-a intensamente, antes da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e mesmo antes da implantação do Estado Novo. Como verificado nas datas das reportagens encontradas nos exemplares da época.

Organização nazista de Ponta Grossa: da estruturação à ruína

A presente reconstituição histórica da organização nazista em Ponta Grossa é originada do levantamento de todas as edições do Jornal Diário dos Campos do período de 1932 a 1940. Algumas ressalvas devem ser mantidas acerca da organização nazista pontagrossense, como não termos encontrado a data exata de sua origem no jornal, apenas presumindo-se que tenha acontecido no início dos anos 30.

Em 1932, diversas notícias sobre o clima político internacional foram encontradas, mas como o objetivo da pesquisa se refere especificamente ao caso do nazismo em Ponta Grossa, nenhum fato significativo foi registrado pelo *Diário dos Campos*.

Em 1933, a situação muda inteiramente. Como já mencionado, o editor chefe do jornal Diário dos Campos, José Hoffmann, era descendente de alemão e tornou-se também figura ativa durante todo o período de desenvolvimento desse fenômeno político local. A edição de 21 de maio de 1933 do referido diário trazia a seguinte notícia:

Está em pleno funcionamento o Centro Hitlerista de Ponta Grossa. Onde è a sua sède. O formulario que está sendo destríbuido entre aquelles que se suppõe commungam as idéas de Hitler. Para os

“nazistas” residentes em Ponta Grossa, a autoridade máxima é o Pastor Fugmann, presidente do diretório local. Os factos graves são comunicados à “USCHLA”, instituição secreta dos 'camisas pardas' (D.C. 21.05.1933).

Em seguida, afirma que:

Ha muito que existia em Ponta Grossa uma associação de alemães que tomaram parte na Grande Guerra. Com a ascensão de Adolph Hitler na política alemã, esse gremio, por deliberação de seus mentores, transformou-se no Centro Hitlerista de Ponta Grossa (D.C., 21.05.1933).

A nomenclatura como era conhecida a organização, para efeitos de relações com outras entidades de mesma orientação, era NSDAP seção de Ponta Grossa⁵. O presidente da instituição, segundo a referida matéria, era o Pastor Fugmann, seu secretário Waldemar Hoffmann, e era composto por “*pessoas de destaque em nossa sociedade*” (D.C., 21.05.1933). A organização local tinha por objetivo divulgar entre os alemães e teuto-brasileiros da região um formulário contendo várias perguntas como: a origem de seus genitores (se alemães ou judeus), o vínculo associativo com outras instituições como a maçonaria e o *Rotary Club*, a idade, o sexo, o endereço onde podia ser encontrado, com telefone e caixa postal, se lutou na guerra, onde estudou, enfim, tudo sobre a vida pessoal e profissional do entrevistado. Após o preenchimento do formulário, o entrevistado era questionado se iria afiliar-se ao NSDAP local. Era proibido aos sócios contatar outros estabelecimentos políticos alemães sem a aprovação primeira dos chefes locais (D.C., 21.05.1933).

Em sinal de respeito e admiração à Hitler, no final de cada página do questionário estava impresso os termos “*Heil Hitler!*”, que pode ser traduzido por “Salve Hitler!” Para aceitação dos membros, as informações contidas nos formulários eram enviadas para a Alemanha, e caso a resposta viesse positiva, afirmando que aquelas informações eram verídicas, a pessoa era então aceita para a sociedade nazista (D.C., 21.05.1933). Porém, dias após a veiculação dessa matéria pelo jornal, alguns membros da direção do órgão nazista local se dirigiram ao *Diário dos Campos* e argumentaram que aquelas perguntas eram apenas para atender à norma política do partido, mas que nada tinham de interesse na vida particular de seus membros, que apenas se preocupavam com sua imagem enquanto membros do NSDAP e que estes podiam sim contatar outras organizações

⁵*Nationalsozialistische Stuetzpunkt* Ponta Grossa, corresponde ao núcleo do partido nazista alemão organizado em Ponta Grossa oficialmente (D.C., 29.04.1934).

alemães, desde que não fosse por meios oficiais, isto é, em nome do partido (D.C., 24.05.1933).

Com relação à localização da sede do NSDAP seção Ponta Grossa, foram encontrados dois endereços distintos para datas diferentes, o primeiro é na edição de 21/05/1933, que traz a rua 15 de Novembro, número 64, justamente em frente ao então *Diário dos Campos*. O outro endereço citado aparece na edição de 01/05/1934, onde afirma que a organização localiza-se na avenida Dr. Vicente Machado, número 70. Embora possa ser considerada normal a possibilidade dessa organização ter migrado de um endereço para outro decorrido o prazo de um ano, não temos ainda elementos para afirmar que isto ocorreu com certeza. Uma consulta ao mapa (Figura 2) permite identificar as respectivas localizações na época e reconhecê-las na atualidade.

FIGURA 2 – Localização das Sedes Nazistas de Ponta Grossa em 1933 e 1934



Um dos principais locais usados pelos nazistas para reuniões políticas baseando-se no *Diário dos Campos*, além das prováveis sedes, era o atual Clube Verde, como pode ser verificado em diversas reportagens da época. A primeira desse teor é de 27.09.1933, onde o jornal destaca que houve uma reunião de exaltação nazista naquele local.

Outro acontecimento importante retratado pelo periódico *Diário dos Campos* é sobre o suposto atentado a dois chefes nazistas de Ponta Grossa. O jornal supõe que os autores do atentado fossem comunistas, evidentemente devido ao clima político vivido no país e no ocidente (D.C., 20.07.1933)

É curiosa a forma como o *Diário dos Campos* se referia aos membros do núcleo nazista local como “*elementos, aliás ordeiros e prestimosos, pertencentes a laboriosa colonia allemã.*” (D.C., 20.07.1933). Nesse momento, o jornal demonstrava total cordialidade com o núcleo nazista local, saindo em diversos momentos em sua defesa, como nessa suposta ação criminosa praticada contra seus membros.

Entretanto, essa posição do periódico não significa um tom acrítico. Durante as eleições presidenciais do Clube Verde de agosto de 1933, um sócio alemão candidato ao pleito resgata o princípio normativo do clube de que quem não falasse alemão não poderia votar nem ser votado, afirmando que os sócios brasileiros não poderiam votar por não estarem de acordo com essas normas internas e assim não poderiam gerenciar a instituição. O *Diário dos Campos* imediatamente ataca o indivíduo Wilhelm Fischer, funcionário da cervejaria Adriática, exigindo dele uma retratação com relação aos brasileiros (D.C., 25.08.1933). O jornal acrescenta que os sócios brasileiros deveriam exigir do Clube Verde a alteração dos seus estatutos ou então aconselha os mesmos a se desassociarem do mesmo (D.C., 26.08.1933). Por fim, é publicada reportagem referente a uma entrevista com membros da nova diretoria eleita onde reafirmam que a antiga direção era composta por brasileiros, e que seus membros:

(...)eram incapazes de dirigir a sociedade, porquanto notava-se que a maioria dos socios ademitidos no decorrer deste ano eram brasileiros, (...) o que vinha a evidencia que os atues diretores da sociedade são incapazes de unificar a collonia allemã. (D.C., 27.08.1933).

É evidente a ideologia segregadora por parte dos membros germânicos que constituíam a direção do Clube Verde à época a julgar pela opinião do jornal impresso. Contudo, essa instituição não era a única opção de recreação para os alemães e descendentes no município, oportunizando que os descontentes com as normas e procedimentos do clube se desfiliassem, o que proporciona uma inquietação em relação as afirmações das publicações do *Diário dos Campos* na época. Da mesma forma, não encontramos elementos no exame das edições do jornal para realizar qualquer vinculação desta ideologia segregacionista de segmentos germânicos filiados em torno do Clube

Verde com a organização nazista da cidade, o que não significa evidentemente que não tenha existido.

Em 1934, diversas hipóteses gerais acerca do movimento nazista no país foram sendo relativizadas com a redescoberta de diversos acontecimentos locais. Em abril daquele ano surgem as primeiras reportagens acerca de possíveis conflitos locais entre defensores da ideologia nazista e a comunidade alemã. Onde o chefe do núcleo nazista local, Ernesto Nagel, gerente da companhia telefônica municipal, teria sido contrariado pelos conterrâneos Guilherme Fischer e Guilherme Schwartz, o primeiro funcionário da Cervejaria Adriática e ex-combatente alemão da Primeira Guerra, o segundo médico, e ambos líderes de outra facção germânica local intitulada “Kriegs Kamaraden” (D.C., 19.04.1934 e 20.04.1934). Como já mencionado, essa última facção era composta por ex-combatentes alemães da Primeira Guerra, não se identificando com a ideologia hitlerista.

Após trazer detalhes desse conflito germânico em Ponta Grossa, o jornal publica na edição de 29 de abril de 1934 a manchete “Um partido allemão em Ponta Grossa que attenta contra as leis brasileiras”. Os três nomes citados na matéria jornalística são Ernesto Nagel, Emílio Bodenbach e August Nixford, todos agregados à sede nazista local, e que estariam tentando impor, em território brasileiro, a política nazista a seus patrícios. Em outras palavras, o jornal afirmava que os três indivíduos citados eram os chefes do partido nazista de Ponta Grossa e, desejavam que todos os alemães locais se filiassem ao movimento nazista brasileiro desencadeado pelo NSDAP.

A concepção política nazista é então tratada pelos editores do *Diário dos Campos* como um ultraje às leis brasileiras e à soberania nacional, e que a efetivação dessas ideias entre os alemães que procuraram o país para os acolherem faria com que os mesmos perdessem a liberdade que aqui desfrutavam. A reportagem ainda anunciava que o jornal voltaria a tratar do tema, esmiuçando as acusações contra os nazistas (D.C., 29.04.1934), o que efetivamente viria a acontecer.

Dois dias após, em 01 de maio de 1934, é publicada a primeira dessas reportagens, descrevendo algumas potenciais ações nazistas em Ponta Grossa. A primeira delas é uma acusação de suposta espionagem nazista realizada pelo partido envolvendo a companhia telefônica da cidade, onde:

O sr. Ernesto Nagel, gerente da Companhia Telephonica e partidario extremado do 'fuehrer', dá-se ao trabalho de, horas a fio, ficar de ouvido attento no aparelho, para surprehender as conversações que tenham alguma relação com a associação politica de que faz parte! (D.C., 01.05.1934).

Outro ponto destacado pela publicação é a afirmação de que o motivo que faz os alemães residentes no Brasil não se rebelarem contra o nazismo seria o medo; pois se quem se diz contra o nazismo em terras brasileiras não sofre punições, poderá ter atingido seus parentes residentes na Alemanha ao sofrerem as consequências dessa “rebelia” política (D.C., 01.05.1934).

Para o entendimento das divergências entre os alemães e seus descendentes brasileiros na lógica do periódico pesquisado, é importante destacar que essas colônias alemãs no país são mais antigas que a maioria dos adeptos do nazismo no país, e portanto, mais enraizados e vinculadas aos brasileiros. Isso pois, o nazismo é posterior a essa migração germânica para o Brasil, onde a primeira data, como mostrado no início do trabalho, de meados do século XIX, enquanto que o nazismo acontece no século XX. Além disso, pode ser verificado quando, taxativamente, o *Diário dos Campos* faz apelos às autoridades locais pedindo a destituição do Centro Hitlerista local, pois a colônia alemã sofria com isso. A matéria acusa os nazistas de espalharem o caos local por “*meia duzia de alienígenas audaciosos, querendo formar um 'estado hitlerista' dentro da nossa própria soberania, (desaforo!)*”, enquanto que sobre os colonos antigos existe um “*controle absoluto e terrorista que os alemães recém-chegados lhe estão impondo, mao grado tal cousa não seja permitida pelo liberalismo das leis republicanas que nos regem!*” Finalmente, destaca o papel da imprensa no desmascaramento desse tipo de organização no Brasil, e que a companhia telefônica local deveria restituir sua real função e não funcionar apenas como uma ferramenta hitlerista de espionagem (D.C., 04.05.1934).

No dia seguinte, o *Diário dos Campos* critica uma suposta festa nazista ocorrida no Clube Verde em 1º de maio, dia do trabalhador, onde teria ocorrido uma acentuada apologia ao nazismo, como se essa fosse também a política do Brasil. O editor também cita que seu protesto em Ponta Grossa não é o único, enaltecendo opinião similar do jornal paulista *A Platéia* (D.C., 05.05.1934).

Dias depois, o *Diário dos Campos* comenta sobre o principal chefe nazista local, na definição jornalística, Ernesto Nagel, que certa vez teria obrigado um submisso político seu a despedir um funcionário do estabelecimento que era proprietário, a Confeitaria Pharol, simplesmente pelo fato do homem ser judeu. Na mesma edição, acusa-se Nagel de ter ameaçado uma funcionária da Companhia Telefônica de despedi-la caso mantivesse o namoro com o judeu da referida confeitaria (D.C., 08.05.1934).

O *Diário dos Campos* de 09 de maio de 1934 acusa o “líder” nazista Ernesto Nagel de tramar um ataque ao poder municipal, onde ele “*está preparando com muito carinho uma ‘tropa de assalto’ com camisas gonralões, canções nazistas, gestos braçaes, espionagem perseverante, propaganda franca e muita impáfia prepotente!*” A empresa de comunicação ainda propõe um boicote dos brasileiros à Companhia Telefônica se os diretores gerais da instituição não substituíssem a gerência de Nagel (D.C., 09.05.1934).

O *Diário dos Campos* destaca novamente sua “aliança” com o jornal *A Platéia*, de São Paulo, contrariamente ao nazismo, fazendo críticas à tolerância das autoridades brasileiras que, mesmo após inúmeros apelos da mídia, pouco fizeram sobre o caso hitlerista (D.C., 10.05.1934).

Uma última reportagem encontrada no *Diário dos Campos* se refere ao fechamento da instituição nazista em Ponta Grossa, publicada na edição de 11 de julho de 1934, intitulada da seguinte forma: “*O centro hitlerista desta cidade terá de ser dissolvido*” (D.C., 11.07.1934), e no corpo da reportagem fala sobre o envio de um documento à assembleia constituinte por deputados representantes dos empregados, onde fazem a solicitação para que seja oficialmente abolida a instituição nazista na cidade paranaense.

Após esta data, e até 1940, não foram encontradas novas reportagens no *Diário dos Campos* sobre o movimento nazista na região; entretanto fica em aberto futuras pesquisas complementares em outros documentos e jornais da região, que o atual tempo da pesquisa não permitiu.

Considerações Finais

As pesquisas sobre as fontes jornalísticas permitiram evidenciar a existência de uma organização do partido nazista em Ponta Grossa, segundo o olhar de uma das mais importantes mídias locais da época. Isso não significa que essa seja a verdade do que realmente se sucedeu na época em relação ao nazismo em Ponta Grossa, contudo, devido a demanda de tempo despreendida nos arquivos do periódico *Diário dos Campos*, e ainda o tempo exíguo para realizar a pesquisa, fica-se em aberto diversas lacunas sobre o fenômeno nazista pontagrossense, esperando responder essas questões em pesquisas futuras.

Outra questão interessante apontada é o fato da organização nazista parecer ter sido empreendida por forças externas aos alemães mais antigos das colônias brasileiras. Os primeiros foram enviados pelo movimento nazista alemão com a missão de difundir o

nazismo entre os alemães emigrados (D.C., 04.05.1934), fato corroborado pelo fato de que não houve adesão maciça por parte das colônias alemãs locais.

Outro aspecto a ser estudado futuramente é que a forma assumida pelo nazismo em Ponta Grossa pode diferir do movimento político ocorrido na Alemanha, pois o nazismo aqui difundido parecia desejar-se “ainda mais” hitlerista do que propriamente nazista. Aparentemente, pelas declarações dos chefes nazistas locais veiculadas nas reportagens jornalísticas, a organização tinha por objetivo o culto à Adolf Hitler, praticamente eliminando a “necessidade” da própria ideologia política nazista.

Finalmente, constatamos que a pressão da mídia local pela criminalização do movimento nazista em Ponta Grossa antecede o ocorrido em âmbito nacional, que somente adota medidas de vigilância e repressão já no Estado Novo.

Referências

ALMEIDA, I. B.; RHODEN, I. M. **Colégio Sant’Ana – 100 anos de Educação e Evangelização em Ponta Grossa: 1905-2005**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2005.

CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-45)**. São Paulo: DIFEL, 1976.

CHAVES, N. B. **A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos, na década de 1930**. Ponta Grossa: Aos Quatro Ventos, 2001. 161p.

DIETRICH, A. M. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FAVÉRI, M. Tempos de Intolerância: Repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. **ESBOÇOS**. Florianópolis, v.16, n. 22, p.91-109.

FUGMANN, Pastor Wilhelm. (1929). **Os alemães no Paraná: livro do centenário**. Tradução de Francisco Lothar Paulo Lange. Ponta Grossa: UEPG, 2008. 382 p.

GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar; PINTO, Elisabete Alves. **Ponta Grossa: Um século de vida**. Ponta Grossa: UEPG, 1983.

JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. 1º trimestre de 1932 a 4º trimestre de 1940. Ponta Grossa.

LAVALLE, A. M. **Germânia-Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996. 320p.

MATTOS, F. L. **Senhores Membros da Assembléa Provincial**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/620/000039.html>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1999, 345p.

Recebido em Julho de 2012.

Publicado em Janeiro de 2013.